

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: Juma

Data: setembro 92 Pg.: 9

Juma, os sobreviventes

O missionário do Cimi-Norte I, Gunter Kroemer, e a irmã Rosalina, de Lábrea (AM), estiveram na Funai em Brasília, no final de setembro, para solicitar a imediata demarcação das terras dos sete sobreviventes do povo Juma e apoio para eles na área de saúde. Os trabalhos de identificação da área já foram concluídos, faltando apenas o processo ser remetido para o ministro da Justiça assinar.

Os Juma habitam a região do igarapé Joari, afluente do rio Mucuí, próximo da rodovia Transamazônica, no município de Lábrea (AM), local onde se refugiaram após terem sido perseguidos e massacrados pelos brancos na década de 60. Porém, a extensão de seu antigo território é bem maior e abrange 75 mil hectares às margens do médio rio Purus.

Bravos guerreiros, os Juma resistiram fortemente à expansão das frentes extrativistas. Enfrentaram jagunços em violentos conflitos, o que lhes rendeu a fama de índios ferozes, pelo costume que tinham de levar a cabeça dos inimigos vencidos como troféu. Foram derrotados a partir de 1964, quando o comerciante Orlando França, então Juiz de Direito

em Lábrea, mandou emboscar e incendiar a aldeia do igarapé da Onça. Os poucos sobreviventes fugiram para o igarapé do Trufari, de onde também foram expulsos. De um povo com mais de 200 pessoas, apenas 15 índios conseguiram escapar, fixando-se no Igarapé Joari, onde estão hoje. As doenças dos brancos contribuíram para a quase extinção desta etnia. Existem hoje apenas sete índios, sendo que os dois únicos homens já estão velhos e incapazes de gerar filhos. As três crianças do grupo já são filhas de ribeirinhos.

Na avaliação dos indigenistas do Cimi, a sobrevivência dos Juma está interligada à vida dos cablocos que moram às margens dos rios da região, com quem mantêm relações amistosas. Por isso o Cimi está reivindicando à Funai para não dar prosseguimento ao projeto econômico aos Juma, que os engloba na categoria de índios isolados, separando-os do contato com a sociedade envolvente. "Isto seria o mesmo que colocá-los em um asilo, para que sejam definitivamente exterminados", comentou o antropólogo.